

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO
Redacção e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
End. telegr. ZALHBA - Lisboa - Telefone: 17
Officinas de impressão: Rua da Alameda, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O TRIUNFO DO BOLHEVISMO

Há uma historietta popular que muitas vezes me ocorre desde os começos de 17. Ela: «Uma vez, numa aldeia, um marido e sua mulher jogaram a pãua. A pedido do filho do casal, interveiu um vizinho para os separar. O homem e a mulher suspenderam a batalha e ambos se voltaram para o pobre vizinho, descompondo-o e batendo-lhe. Moralidade: Trata da tua vida e não te preocupes com a vida dos outros.

Uma outra noção moral se tira ainda desta historietta popular: a intervenção estranha em assuntos particulares tem o condão de sempre ligar os interessados no assunto contra os intervencionistas. Bastava, portanto, ter sentido a moralidade deste conto para sabermos que toda e qualquer intervenção ocidental e extremo-oriental nas questões russas, só conseguiria incutir cada vez mais solidamente os cidadãos russos — irmãos inimigos — num bloco contra os estrangeiros. Os acontecimentos mais uma vez vieram dar razão à sabedoria popular e demonstrar a loucura de alocar os seus interesses. Pretendem dirigir de forma contrária aos seus desejos e aos seus interesses. Pretendem abater o bolhevismo e conseguir um fortalecimento. Queriam manter o reacionismo czarista e auxiliaram-no a cair e a provocar a sua expansão. E nada mais que melhor conselhos difundir um ideal que apresentá-lo como ideal pessoal. A história abunda em provas.

Mas parece que os nossos dirigentes ignoram a história, e da mesma forma a mentalidade humana. Tem olhos para ver, ouvidos para ouvir, um cérebro para registar, comparar e deduzir, mas, como se vê, nem entendem, nem sabem, nem compreendem, nem deduzem. Para eles, os fenômenos sociais a nascer ligam, nem na sua causalidade, nem nas suas consequências. Não era difícil prever o resultado da sua absurda política. Desde 1919 que o previamos. *Die Wesscheit* e no nosso livro *A Confederação da Paz e a sua Obra*. Durante os dois anos, a imprensa capitalista tem clamado os horrores dos bolhevistas e seus inúmeros crimes. Apenas alguns militares, impunham-se, pela força, as armas, a cem milhas de ser. E estas pãuas eram acreditadas até pelos que as inventavam. Algumas pessoas havia, que tinham a audácia de duvidar de assim fosse. Sabiam com efeito que a força violenta não pode manter na paciência milhões de indivíduos, que não querem obedecer, sobretudo num período de efervescência popular como o período actual. Os que assim pensavam eram postos no index, ou encarcerados, se era possível. Os governantes, nesta tendência ao *doce far niente*, mantêm a crença de que conseguem impedir o conhecimento da verdade reduzindo ao silêncio os que apregoam. Sem esta admirável política de aveluzar!

Durante estes dois últimos anos, todos os dias, a imprensa dirigente nos inundava a queda ou a morte do bolhevismo. Estava-se nas vésperas da tomada de Petrogrado por Yudenitch, de Moscou por Denikine ou por Koltchak. E, que, conhecedores dos efeitos e reacções das acções humanas sobre os cérebros humanos, preziam o contrário, eram tratados como infelizes.

O exército de Yudenitch evaporou-se e o seu chefe fugiu para o ocidente. Koltchak foi fuzilado e o seu exército já não existe; toda a Sibéria, conjuntamente com Vladivostok, está nas mãos dos bolhevistas, ou dos socialistas revolucionários. Denikine, com alguns milhares de homens, bate em toda a parte em retirada, ocupando ainda os margens do mar Azov. Mas em breve terá a mesma sorte de Yudenitch, senão a de Koltchak. Arcangel e a Murmanian estão nas mãos dos bolhevistas!

Durante estes dois últimos anos, a imprensa capitalista, sob as instigações governamentais, bradou ao mundo inteiro que nunca qualquer governo que se apresentasse poderia tratar com os bolhevistas — uns «criminosos», uns «assassinos», «ladres». Na Câmara dos Comuns, nos banquetes oficiais, os sr. Lloyd George e Winston Churchill advertiam o universo inteiro que nunca se entraria em relações com estes canibais da pior espécie.

Clemenceau e outros senhores de menor importância repetiam idénticas tocas em lugares semelhantes. Só com a diferença destes últimos estarem no convívio em lugar de estarem nas Ilhas Britânicas.

Margueira, estes senhores governantes já tratam com os tais «canibais», «criminosos» e «ladres». Para salvar as aparências e tentar iludir ainda os rebeldes que dirigem, afirmam que não tratam com o governo dos bolhevistas, mas com as cooperativas. E declaram, com toda a gravidade, que serão tomadas todas as medidas para que os produtos trocados por intermédio das cooperativas russas não sirvam nem aos bolhevistas nem ao governo bolhevista. Ou enunciam que desprezam por tal forma os seus rebanhos que julgam que tais medidas podem ser acreditadas pelos povos!

Na realidade, enganam-se redondamente. O seu desprezo das massas é o índice da sua profunda ignorância da psicologia humana. E a prova da sua própria imbecilidade. As massas populares, mesmo as mais obtusas, sabem bem que sempre, e sobretudo no actual estado de coisas, nada entra ou sai dum país sem autorização governamental, com excepção da fraude, bem entendido, mas a fraude é sempre relativamente meninca.

Num país em revolução comunista, num país em que os elementos governamentais tendem a socializar os meios de produção e distribuição — e é este o caso da Rússia soviética actual — as cooperativas de consumo e de produção, necessárias para os organismos governamentais. A menor reflexão o mostra a quem se der ao trabalho de reflectir. E sabido é que George Lansbury, socialista e jornalista britânico, radiografou de Moscou:

«Ichitcherine declarou-me que as sociedades cooperativas russas designam a Litvinov como seu agente. Litvinov é o embaixador bolhevista em Copenhague. As sociedades cooperativas fazem parte da constituição. Na realidade, no governo dos Sovietes, agências de distribuição, o que significa que cada cidadão russo é, de facto, membro da Sociedade Cooperativa.»

Além disso, isto mesmo já foi declarado por Lénine, e os jornalistas foram brados a registá-lo.

Não se podia mostrar ao público dum forma mais completa a mentira dos governantes, que ao tratarem com as cooperativas pretendem que isto não é o mesmo que tratar com os bolhevistas!

Mas a mentira tornou-se flagrante aos olhos dos mais cegos pelo facto de que George ter comissários oficiais ou de officiosos ocupados em tratar com os governos bolhevistas. Em Copenhague, O'Grady, há pouco de cinco meses, que alicenciou com Litvinov, e agora, em Moscou, é o próprio George Lansbury. Depois, não é uma coisa sabida que o próprio Lloyd George impele os governantes dos alogenos bálticos e ocidentais a fazer a paz com a Rússia soviética. A Estónia já fez a Lituânia está em negociações; a Polónia inicia conversações officiosas. Todos seguiram este caminho, inclusive as repúblicas alogenas da Caucasso.

Portanto, os bolhevistas estão vencedores em todas as frentes, militares e económicas. Estão mesmo vencedores na frente económica, porque de graça a decisão dos governantes ocidentais só foi tomada sob a pressão poderosa das condições económicas do Ocidente. A França, a Itália, a Gran-Bretanha, sobretudo, marchavam a passos agitados para uma extrema rareficação de recursos alimentares e de matérias primas. O câmbio estava tão elevado que tornava proibitivo para a compra de alimentos e matérias primas nas duas Américas.

Tornava-se, portanto, forçoso ir procurá-los onde o câmbio fosse mais favorável aos ocidentais e onde abundassem os produtos alimentares e matérias primas. E este país era a Rússia. E sob a pressão económica da ameaça da falta de viveres e matérias primas, e dos interesses materiais das classes financeiras-industriais, os dirigentes derrubaram o famoso cordão sanitário de Clemenceau e a sua rede de fio de ferro. E trataram então de negociar finalmente com as cooperativas russas. Lénine é um grande político e até mesmo um grande homem de Estado para se opor a esta mentira diplomática, que não ilude ninguém. Sabe que amanhã os governantes ocidentais hão de tratar oficialmente com ele. Meteram a mão na engrenagem, todo o corpo há de passar. E uma questão de tempo. Sabem-no também, os governantes, mas não se iludem ainda, acreditam ou fingem acreditar que as relações comerciais com o Ocidente com a Rússia soviética serão um elemento de dissociação do bolhevismo dos sovietes. Isto talvez que pudesse ter sido verdadeiro, pelo menos em grande parte, se as relações tivessem sido estabelecidas em 1918 ou no começo do começo de 1919. Mas presentemente é já tarde de mais. O isolamento forçado em que foi mantida a Rússia soviética durante estes dois últimos anos, cimentou dum maneira muito forte o sovietismo para que presente não se esborde em contacto com o Ocidente. O contrário é que terá lugar. A força de expansão do bolhevismo crescerá em intensidade e em superfície, e sabe-se isto muito bem, porque sabe-se ver e porque sabe raciocinar. Mas os dirigentes ocidentais ignoram-no. Não de aprender a sua custa e com grande vantagem para a humanidade.

Fevereiro, 25-920.

Augustin Hamon.

Casa dos Trabalhadores

Em consequência de ter que acompanhar a agitação que neste momento convulsiona o proletariado intelectual e manual, agitação provocada pelas insustentáveis condições de vida a que esse mesmo proletariado está sujeito, não tem a *Batalha*, mau grado seu, podido publicar com regularidade as listas dos camaradas que tem contribuído para a Casa dos Trabalhadores, a despeito de termos em nosso poder grande número delas, e pela mesma razão também não temos podido fazer a necessária propaganda daquela grande iniciativa operária, que continua merecendo as simpatias do proletariado organizado, que, como adiante se verificará, além de estar contribuindo individualmente para que a Casa dos Trabalhadores seja em breve um facto, vem promovendo várias festas, cujo produto se destina ao mesmo fim.

Sindicato Unico da Construção Civil

A comissão pró Casa dos Trabalhadores deste sindicato pede a todos os camaradas que tenham cobrança feita nas obras em que ontem houve pagamento, que venham o mais depressa possível prestar contas da respectiva contribuição.

O camarada João Inocência da Costa encontrou no Conde Barão um diploma de um dia de salário pró Casa dos Trabalhadores com o nome de Bento Lourenço e que será entregue pela comissão deste sindicato a quem provar pertencer-lhe.

Realiza-se hoje um espectáculo a favor da Casa dos Trabalhadores

E' hoje que, conforme temos dito, se realiza pelas 21 horas, na sede do Grupo Solidarieidade da Construção Civil à rua do Sol, a Santa Catarina, a recita a favor da Casa dos Trabalhadores, promovida e desempenhada por amadores portugueses. A recita constará das seguintes peças: *O Operariado*, *O gabinete do Sr. Regedor*, *A Taberna e Atribuições dum estudante*, e as poesias *A guerra*, *Costureira e burguesa* e *O revoltado*.

Abrihanta esta recita um terceiro musical dirigido pelo camarada Leonel Represas.

Um importante donativo

A direcção do Sindicato Unico da Construção Civil de Almada, em 100\$800 escudos para a Casa dos Trabalhadores.

Relação dos contribuintes

Federação do Livro e do Jornal

3.º Hsta.—Carlos Dias, impressor, 2850; Alfredo Neves Dias, compositor, 3650; Alexandre Vieira, idem, 3800; Américo Silva, costureira de encadernador, 1435; Eduardo Delie, hidrota, 5850; Jaime Martins, impressor, 2400; João Nunes Aguiar, encadernador, 2400; Raúl Garrido, idem, 2400; Artur da Costa Brito, idem, 2400; José Maria Lopes, compositor, 2400; Alvaro S. e Silva, idem, 2400; Adriano Alves de Oliveira, idem, 2400; Frederico Lister Franco, idem, 2400; Américo António Castanheira, idem, 1850. Total desta lista, 4050.

Dias de salário recebidos em Vilar do Paísa, por J. P. Oliveira

João Paulo Oliveira, estuador, 1400; Joaquim Filipe dos Santos, empregado fabrica, 200; Alexandre Filipe dos Santos, estuador, 1800; José Pinto Martins Sobrinho, idem, 1800; Francisco Fonseca Carvalho, carpinteiro, 1400; Manuel Gonçalves, empregado publico, 1800; Celestino Cunha, empregado no comércio, 1400. Total desta lista, 11000.

Um plano tenebroso

Que o proletariado em geral, que o funcionalismo publico, em particular, atentem bem no que vamos dizer:

O sr. António Maria da Silva, que chegou a ter ministério organizado, pretendia resolver a greve do funcionalismo publico deste modo: Satisfaria no possível as reclamações dos funcionários telegrapho-postais para os levar a retomar o trabalho. Este facto desmoralizaria, no dizer de António Maria da Silva, os funcionários publicos, que iriam entrando para o serviço das secretarias à forniga.

Este facto serve a demonstrar que os governos de qualquer cor — conservadora ou radical — se servem de idénticos processos de perfidia e de vilania. Os telegrapho-postais, que dispõem de sólida organização e proficuos meios de luta, veriam as suas reclamações satisfeitas.

Os outros funcionários, que beneficiariam, no geral, apenas dum aumento irrisório de 15 0/0, quando os géneros de consumo sofreram uma alta de 475 0/0, ficariam como dantes. E ainda os recalcitrantes e os supostos *meneurs* da greve seriam demitidos.

O sr. António Maria da Silva, que não é absolutamente tolo, não considerou todos os factores. A situação, se tal infâmia se praticasse, tornar-se-ia extraordinariamente grave, porque não haveria então apelo que comovesse os funcionários dos hospitais e das alfândegas, desorganizando-se, com immediato prejuizo publico, os serviços de assistência hospitalar e os de abastecimentos. E além disso, restava que os telegrapho-postais se dispusessem a retomar o trabalho, embora ficando o restante funcionalismo em greve, o que certamente não se verificaria.

A postos, pois, e que os fiquem conhecendo, aos tais radicais que querem aproximar-se do operariado. Para o ludibriar, para o traír.

O MOMENTO

Atentemos no momento que se atravessa, repararemos bem para os factos que se sucedem, salientemos certos aspectos que surgem à superfície, flagrantemente, e aproveitemos tudo isso para tirarmos conclusões que se impõem, para sintetizarmos o que anda em muitos cérebros, para darmos forma ao que é bem sentido pela multidão, embora de uma maneira vaga, de uma maneira pouco definida.

A greve do funcionalismo publico é um dos factos que chama a nossa attenção — e nela há aspectos bem curiosos e dignos de nota. A greve do funcionalismo publico constitui uma surpresa para muita gente. Não se supunha que esta classe fosse capaz de reagir, de se erguer pela forma por que o fez, pela maneira activa e forte como o está fazendo. Estranhou-se isto. E, apesar da admirável manifestação de força, de unidade de vistas, de entusiasmo e de elevação que representou a reunião do funcionalismo, levada a efeito, há oito dias, na vasta sala de ginástica do Liceu de Camões — conforme aqui noticiámos e salientámos — ainda havia cegos que não viam, que não queriam ver — os que não *querem ver*, já sabido, são os piores cegos — que a greve, dadas as circunstâncias que vieram a verificar-se, seria, inevitavelmente e decididamente, um facto certo. Dizia-se com desprezo e com segurança: «greve do funcionalismo... Ora, oral deixei-se disso. E' greve destinada a esboçar-se logo às primeiras horas... Quem pensa em tal disparate!...»

E a mesma gente, os mesmos cegos, cegos que não *querem ver*, *greve fora da época*, já com a greve desencadeada, ao notarem uma certa incerteza, uma certa confusão — a incerteza dos primeiros passos da *criança* que começa a andar, a confusão dos primeiros momentos, mais natural e tam vulgar mesmo em classes com experiência — continuavam, com o seu erro de visão, com a treva do seu cego fôssil, a dizer optimistamente: «Qual greve?... Isso que al está?... Logo já tudo trabalho».

E a greve alastra, alastra sempre, conquista adeptos, em massa, em todos os ramos de serviço, em todas as categorias, forte, impetuosa, serena. A greve impõe-se! Há manifestações, mesmo, que não podem deixar de ser salientadas até por aqueles que teriam desoído de que não tivessem tido lugar — já a sua nobreza, tal o seu valor representativo de carácter, tal o sintoma forte da hora que se atravessa. E' ver como o sr. Mayer Garção — jornalista de espirito instável, sem directriz segura, sem orientação definida, sem vistas de conjunto, tam contraditório por vezes, sempre à mercê de reacções, do que desequilibram e das impressões de momento que o não deixam ver claro — é ver como ele ontem, no editorial de *A Manhã*, frizava o gesto eloquente de todo o pessoal da câmara, incluindo continuos e serventes, *modestos servidores do Estado*, abandonando, ali, *nas barbas do parlamento do governo*, o trabalho que lhes incumbia e solidarizando-se assim com os restantes funcionários em greve. E, em face disto, o referido jornalista concluiu, com verdade desia vez, que *é necessário, forçoso que nos capacitemos de um grande acontecimento está em marcha em Portugal*. E' assim, realmente. Não pode ser outra a conclusão.

Diziam ainda os cegos, os piores, os que não *querem ver*: «Os funcionários querem ir para a greve? Deixá-los ir... Aparecerá quem os meta na ordem... E não há de se a guarda republicana... Há de ser o operariado, os *burocratas da blusa*, dessa blusa que a burocracia nunca quis ver com bons olhos, dessa blusa que o funcionalismo despreza. Esses é que, a bofetada e a pontapé, os hão de manter nas repartições a trabalhar».

Ainda o assalto à nossa sede

Vão caindo sobre a nossa mesa de trabalho as queixas contra as brutalidades da força publica, praticadas na quinta feira à porta do edificio onde se encontra instalada a *Batalha*.

A junta às que publicámos ontem, temos hoje a seguinte:

Camarada redactor — Tendo acabado de assistir a uma reunião na Federação do Livro e do Jornal, eu e um outro camarada, dirigimo-nos para o Sindicato da Construção Civil, para assistirmos à reunião que lá se realizava. Ao chegarmos em frente do edificio vimos patrulhas por todos os lados, mais como que deixavam entrar, entrámos.

Depois de termos percorrido as várias dependências do edificio e verificado que a sessão tinha acabado e poucos camaradas ali se encontravam já, dispuzemo-nos a sair. Quando, porém, chegávamos à porta da rua, vimos entrar um bando de tigras sedentos de sangue e seus congêneres da Ásia, e que, sem que se desse o minimo facto que pudesse justificar uma agressão, irromperam pela sala acima. E a coronhada a tiro e aos berros de «matem-se estes malditos», forçaram-nos a refugiar no andar superior. O que se passou então, é difícil de descrever, embora tivesse cor de rosa, e vivendo como chacais, agrediram-nos à bofetada, a soco, a pontapé e a coronhada, não respeitando absolutamente ninguém. Nessa ocasião uma dasas feras soltou a seguinte frase: «já que vos não matamos, deixamos-vos ajeitados para que nunca mais possamos trabalhar, descurando-nos em seguida uma formidável coronhada, a que escapei porque cobri a cabeça com os braços e inclinei o corpo para a frente, indo a coronhada bater na cabeça do camarada que vinha na minha retaguarda e que ficou com a cabeça partida.

Correndo pela escada abaixo, perseguidos a tiro, julgámos que, finalmente, nos veríamos livres daquela inferna, mas eis que novas feras nos gritos de «matat matat!» sobem a escada, colocando-nos entre dois fogos, e sem que se pudesse subir ou descer. Não, chega o alferes comandante da força, e como um dos nossos fizesse menção de se lhe dirigir para reclamar, logo uma das feras, querendo certamente passar por valente aos olhos do superior, aponta a arma no nosso camarada e com a boca aberta, grita: «se voce avança, assassino-o».

Nesta altura é justo dizer que os officiais se portaram com delicadeza, e estão comovido que, se não fossem eles, teriamos sido todos fuzilados, pois que era essa a vontade dos soldados. Também um soldado, que me pareceu o mais embriagado de todos e parecendo querer mandar até no próprio alferes, dizia com rancor: «o meu alferes, é preciso a gente ir lá acima e trazer aqueles *goyas* da *Batalha* cá para baixo» e acrescentando: «esta maldandragem há de ficar sabendo quem é a 2.ª companhia», e o oficial, parecendo ter medo dele, dizia-lhe com palavras mansas que mais tarde se trataria disso. Enfim, após ter passado muito tempo e dos officiais terem conferenciado muitas vezes, fomos postos em liberdade, depois de termos sido apalpatados pelos da «Segurança do Tachos». Adolfo Tremontilla, operário gráfico sindicalizado.

Protestos

Os operários da industria do mobiliário, reunidos anteontem em assembleia magna, verberaram as infâmias praticadas contra os operários da construção civil e contra a *Batalha*.

A direcção do Sindicato dos Operários Alfaiates, anteontem reunida extraordinariamente, protestou energicamente contra o assalto à C. O. T. e à *Batalha*.

— A comissão administrativa do Núcleo da Juventude Sindicalista, em sua última reunião, protestou contra o assalto feito à sede da C. O. T. e aos organismos instalados na mesma sede, e verificou o desaparecimento de diversos objectos.

Em torno da Rússia Vermelha

Os Sovietes vão fazer a paz com a Roménia

ZURICH, 6. — Um radiograma de Moscou annuncia que o soviete ucraniano de Avresbro propoz à Roménia a abertura de negociações de paz. — *Rádio*.

NOTAS & IMPRESSÕES DINHEIRO FALSO

Referiram, aqui há dias, os informativos de primeira qualidade, o horrído, fantasmagórico e excessivamente terrífico caso das cédulas falsas, essas famigeradas cédulas que dois marceneiros e um entalhador, ou dois entalhadores e um marceneiro — tanto faz — trocando as goivas e as garlopas pela xilografatura, fabricaram a esmo, num desejo muito louvável de se emanciparem economicamente, deixando de trabalhar para os outros. Não é, porém, apenas o facto de eles procurarem emancipar-se que me sensibiliza a pontos de chamar louvável ao seu acto, mas ainda, e principalmente, o que me choca é a sua coragem de lutadores buscando, pelo seu esforço, unicamente, a extinção dum monopólio incompreensivelmente assombrado pelo Estado, numa época em que todo o mundo barafusta e grita: *Abaixo os monopólios!*

(Apóstrofe violentissimo e sedicioso até mais não, que já nos belos tempos da propaganda dos republicos soltavam entusiastados, embulhando este mundo e o outro.)

As gazetas, que tudo espilham e tudo remexem, para dar bons almoços aos seus freguezes, puzeram as mãos na cabeça e clamaram, com o consenso de noventa e cinco por cento dos seus leitores, que aquilo era uma *grandíssima* pouca vergonha e que isto não podia continuar assim à mercê de tais malfeteiros, por estas e por aquelas razões, etc., etc.

Quanto à mim, discordei, e acho altamente simpática a idea que preside, seja ela qual for, à libertação dum tutelado, e quando essa tutela é imposta pela entidade mais incompetente e mais desautorizada, que é o Estado, a minha admiração triplica, e não tenho dúvida alguma em catalogar os nomes das vítimas na lista dos mártires pelo ideal. Com zefeito, que coisa mais bela pode haver do que o esforço produzido em proveito próprio? Esses três indivíduos que, muito à sucapa, faziam o possível por montar uma sucursal da Casa da Moeda, onde, ao que nos afirmaram, se não fabricam com todos os maquinismos adequados, cédulas tam bem acabadas como as que estes neo-impressores estampavam com engenho primitivos, são dignos, repito, do nosso asombro e da nossa indulgência. Eu não me importo que me chamem bandido e velhaco por estar assim defendendo esses... inimigos da sociedade, e desde já lhes declaro que se fazer notas é crime, seria esse um crime pelo qual nunca sentiria remorsos, se tivesse tempo para me preocupar com tais bagatelas. Que diabo! E' uma coisa que meio mundo faz e outro meio mundo grama. Não falando no lúcio estabelecimento da rua de S. Paulo, cujas máquinas não dão vencimento ao consumo formidando, a

cada canto se topa com papeleiros falsos, sem que o Estado lhes vá à mão, nem a cadeia tome conta deles.

Esalfa-se um desgraçado a trabalhar toda a semana — ao contrário do que julga muita gente boa que não faz nada e só sabe dizer que isto é um Brasil para os operários, — e dá-lhe em troca pouco mais dum centena desses rectângulos coloridos — na melhor das hipóteses. Chega a casa, e depois de ter ficado com dez ou quinze dos sobreditos, para comprar cigarros que não há, espalha o resto sob os olhos desconfiados da mulher, e na presença dos deslavrados rostos — no sentido próprio — dum verdadeira bicha de galinios que, para não engordarem, porque a obesidade é feia, comem só uma vez ao dia acordada, quase de bacalhau, com que argamassam as paredes exigentes do estômago mal-contente, cujo appetite não concorda com a modéstia. A mulher começa por contar o dinheiro, e em tais operações aritméticas se embrenha que por fim, e convencida que elle não estica, estando ela, muito pelo contrário, nessa contingência, se resolve a ir fingir que faz compras. E' então que começa a dansa. Supunhamos que vai ao tendeiro; depois de ter suplicado humildemente que lhe vendam dois quilos de batatas, duzentas e cinquenta de arroz, um tostão de chouriço, meio quilo de bacalhau, meio litro de azeite e uma quarta de sabão, pedem-lhe uma data de dinheiro que deixaria estarrecido um brasileiro, e ainda por cima lhe impingem uma senha... porque não há cobre. O carvoeiro faz-lhe a mesma gracinha e é mesmo na presença da criatura, e em cima dum sobosso banco, que elle enjorca a uma moeda qualquer. O padeiro segue as pisadas destes dois prestantes cidadãos, que quasi sempre são galegos, e que não podem vê-los, não sei porquê, e o leiteiro e o taberneiro, onde ela vai comprar o vinagre, porque é mais barato, fazem suas as acções dos antecedentes personagens, de modo que a pobre mulher chega a casa sem compras, mas cheia de senhas, representativas de dinheiro, um dia, quando as galinas tiverem dentes e o senhor Nunes da Mata deixar de fazer tragédias. Este dinheiro, salvo melhor opinião, é também dinheiro falso. Falso como Judas — ou como um parlamento.

Ora, eu quero que me digam, portanto: Se se tolera a substituição da moeda por bocadinhos de cartão e pedaços de papel de embrulho, qual é a razão porque se não aplaude o fabrico de notas autênticas, verdadeiras, aperfeçoadas mesmo, tam autênticas, tam verdadeiras e tam aperfeçoadas que até seriam capazes de enganar um director de Casa da Moeda?

Antero de LIMA.

A GREVE DO FUNCIONALISMO

UMA CLASSE QUE DESPERTA

A despeito de alguns boatos insidiosos, continua a greve do funcionalismo publico, tendo mesmo alastrado consideravelmente.

A classe operária tem acompanhado com verdadeiro interesse este movimento, não podendo deixar de dar todo o seu apoio moral às reclamações dos empregados de Estado.

Não o comprehendem assim o jornal *A Manhã* que, certamente mal informado ou então no intuito de criar inimizades entre os trabalhadores intelectuais e manuaes, diz, no seu número de anteontem, que na reunião da construção civil tinha havido divergência de opinião entre os operários desta industria, desejando alguns não proclamar a greve para que não os julgassem solidários com os grevistas burguezes!

Ora, tal afirmação é absolutamente falsa. A classe operária está bem longe desse arcaico preconceito que leva os homens a odiar-se pelo simples facto de uns trabalharem pela pena e outros com a ferramenta. O operariado considera o funcionalismo uma vítima, como ela, do ambiente putrido criado por politicos e comerciantes sem escrúpulos. Num país onde não há industria, onde o Estado, pelos seus próprios erros, não oferece outra carreira que não seja a burocracia, tem os intelectuais infelizmente de tornar-se funcionários. E', portanto, como funcionários que exercem a sua actividade, que ganham o seu pão, e por esse motivo o proletariado encontra nelle trabalhadores, roubados, enganados e até mesmo preteridos pelo Estado, talqualmente os operários o são pelo patrão.

Os funcionários trabalhadores, dum outro género de trabalho, porque a actividade humana é múltipla, sofrem como nós, as agruras da fome, e o vexame dos que tudo tem e nada fazem. Até hoje os funcionários sofriam em silêncio porque se julgavam superiores por defeito de educação e por ambiente

criado pelo comerciante, pelo militar e pelo ministro com quem estão em contacto do que conhecemos. Mas hoje, que esses indivíduos comprehendem enfim a sua situação de trabalhadores como nós os somos, e se revoltam por que lhe negam o pão, a classe operária está moralmente solidária com elles, desejando-lhes ardentemente a vitória das suas justissimas reclamações.

E' assim que pensamos nós, trabalhadores do braço e do cérebro; é assim que pensa o operariado.

A marcha do movimento

O movimento alastra de dia para dia, continuando o comité do funcionalismo publico a registar novas adesões.

Os delegados do comité central da greve percorreram ontem as dependências externas dos ministerios, a fim de verificarem quais as que ainda funcionavam, convidando o respectivo pessoal a abandonar o trabalho, no que eram prontamente atendidos.

A greve mantém-se no mesmo pé de firmeza e de generalidade. Os ministerios estavam ontem desertos, com excepção dos da marinha e da guerra, onde, no primeiro, o respectivo ministro esteve dando despacho aos directores gerais; o das finanças não abriu; no das colonias apenas funcionou a repartição militar; os restantes ministerios estiveram a meia porta. Apenas na secretaria do Interior se notava certo movimento, em consequência do dr. sr. Alvaro de Castro ali ter permanecido toda a tarde em conferência com vários politicos.

Notou-se a ausência de quasi todos os ministerios demissionarios.

Uma nota curiosa da greve: Os primeiros empregados do Estado que resolveram abandonar o trabalho e a partir do dia 1 do corrente, foram os remadores da Estação de Saúde de Setúbal, por isso que ganhando \$2 diários, sem subvencão, há mais de do

Operário: Se não foste ainda ao teu sindicato contribuir para a "Casa dos Trabalhadores", não te demores em fazê-lo

Ainda a greve dos ferroviários do Estado

O comboio de exploração é recebido, através da linha com grande entusiasmo—Como foram guardadas as estações—Notas várias

(Do enviado especial de A BATALHA)

VILA VIÇOSA, 5, às 9 horas.—A 16 horas de ontem, após a formação do comboio de exploração que conduzia o comitê e diversos pessoal para reparações, começou-se a viagem.

Antes dos referidos ao que ela foi, não podemos deixar de nos indignar contra os vandalismos praticados na estação do Barreiro e que muito ao de leve já registamos. Parece impossível que tais casos se dessem a s. quem, como nós, teve ocasião de verificar o estado em que algumas dependências ficaram, poderá avaliar do que valem aqueles que são mandados a zelar as coisas que quem manda devia ter em certa cautela.

Reação tinham os ferroviários, ao declarar o seu movimento, em se prontificar a ter a sua guarda as mercadorias existentes nas estações. Porém, assim não, o entendimento com os governantes e julgando que a colocação de forças nas estações asseguraria a existência do que lá havia, enganaram-se. A quem exigir responsabilidades? Não aos ferroviários, porque estes foram obrigados a abandonar os seus lugares, que descaíram enquanto durasse o movimento, tomando a responsabilidade do que existia.

E depois são os operários quem fazem os desvios.

Não está ainda definitivamente apurada a totalidade dos prejuízos e dos estragos causados em tão curto espaço de tempo, mas em breve virá a respectiva relação a lume para todos terem conhecimento do que se passou.

Ainda outro caso que indignou sobremaneira o pessoal, foi o facto de ter sido encerrado e lacrado, por ordem do comandante da força ali destacada, e na presença das autoridades, o armazém de viveres. Foi uma violência que revoltou toda a gente e que só se compreendia, talvez, para obrigar o pessoal a render-se.

No entanto, não conseguiram com isso uma única defecção na classe, que se soube manter firme e unida.

Referindo-nos agora à forma como tem decorrido a viagem, temos de manifestar o nosso regozijo pela forma como o pessoal se achava solidário. Nas estações, que até esta parte tem percorrido só se encontrava a força armada, à excepção de algumas, que eram guardadas pelos chefes, mas, à chegada do comboio que conduzia o comitê, comparecia o respectivo pessoal, que tomava imediatamente conta do serviço, assim como eram restabelecidas as comunicações. Por todas as estações o entusiasmo tem sido indelével. Os trabalhadores rurais associam-se com entusiasmo ao regozijo pela passagem do comboio, saudando-o. Na volta de Setúbal para Pinhal Novo, eram 18,20 já cruzamos com o primeiro comboio de passageiros, que se dirigia para aquela cidade e que conduzia grande parte das forças que estavam

pela linha e que recolhiam aos seus quartéis. Feito o ramal de Aldega, voltámos ao Pinhal Novo para seguir para Casa Branca. Em Vendas Novas, onde chegámos às 22 horas, fomos recebidos com grandes manifestações de entusiasmo por parte dos ferroviários que enchiam a gare.

Casa Branca só tinha uma força de guarda republicana, quando chegámos, porém, momentos depois e sendo conhecido pelos grevistas que era o comboio que conduzia o comitê, imediatamente compareceu a maioria do pessoal, que se abraçou entusiasmado pela vitória alcançada. Largámos para Vila Viçosa 2 horas da madrugada, no meio de grandes manifestações, o mesmo sucedendo ao chegar a Évora.

Aqui encontrava-se o chefe da estação de Sousa da Sé, Júlio José Fernandes, que se nos queixou, e ao comitê, que às 18 horas de ontem havia sido intimado a sair do edifício da estação, onde reside, com a família, pelo comandante da força que a guardava, o tenente Mendinho. Como aquele lugar é muito isolado, não havendo habitação próxima, teve de ir com a família para o campo, neste tempo de frio! Muita humanidade, a daquele senhor tenente.

Tivemos a prazer de ouvir a justificação do seu acto, quando lá chegámos, mas uma justificação mista de cinismo e sarcasmo, sendo talvez melhor não nos alongarmos em considerações, porque foi o único caso desta natureza que até aqui se registou e julgamos não valer a pena gastar tempo com ele. Registe-se, simplesmente. O chefe Fernandes, que veio no comboio de exploração até Sousa da Sé, foi investido no seu lugar, assim como o agulheiro, que sofreu a mesma franquesa do tenente Mendinho.

Como acima dizemos, logo que o comitê apresenta os documentos respectivos aos comandantes das forças e ao pessoal comunica a boa nova da vitória, os serviços das estações começam a funcionar com a máxima rapidez.

A Batalha, e C. G. T. tem sido muito vitoriosas. O elemento feminino tem predominado em algumas das manifestações, dando-lhe um certo cunho de entusiasmo.

Em breves momentos largaremos novamente para Casa Branca e dali seguiremos para o Algarve.

Ainda não conseguimos repousar e cremos não o poder fazer tão cedo, porque o tempo está esplêndido e convida a apreciar detidamente a paisagem alentejana.

Como última nota, por agora, diremos que as companheiras dos ferroviários de Vila Viçosa, adornaram a locomotiva com flores, ramos de louro e oliveira.

Vamos continuar a viagem, até agora entusiástica, triunfal!

F. de SOUSA.

subordinados ao Governo Civil, e implicitamente, ao Ministério do Interior. Desde que a sua situação se esclareça, os funcionários dos bairros seguirão o caminho que a nobreza de carácter lhes indicar.

O apoio moral, incondicionalmente, está desde ontem decidido.

Esclarecendo

Os funcionários civis da direcção geral da marinha pedem-nos para que seja ratificada uma notícia, a respeito das anomalias que se dão no seu ministério e não no das colónias, como por lapsos foi publicado nalguns jornais, em que se diz haver serventes que têm muito maior vencimento que os 1.ºs oficiais da referida direcção e um chefe de repartição que ganha menos 61 escudos mensais que um seu subordinado.

Também nos informam os referidos funcionários que desde 1914 não temido aumento algum nos seus vencimentos, pelo contrário recebiam uma ajuda de custo pelas despesas da guerra, mas há mais dum ano que lhes foi mandado sustar esse abono.

Estes funcionários continuam, como se sabe, ao lado dos seus colegas em greve.

Sr. Redactor.—Tendo visto no jornal A Vitória de 4 do corrente a apresentação do plano de solução para a actual greve do funcionalismo, nós, professores da província e de seranjas aldeias, vimos pedir a V. a publicação do nosso protesto mais alívio, contra o orientação, que há de ser de ensaio a favor da errônea opinião do titular da pasta das finanças, se não de todo o governo.

Nós, e conhecemos certamente todo o professorado das aldeias, repelimos indignados a insinuação que encoberta a esmoia que o patriota (certamente barbaresco) nos oferece. O professorado da aldeia trabalha tanto ou mais que o professorado das cidades (isto sem desdizes como este, isto mesmo, com toda a ombridade disse o nosso colega de Lisboa, sr. Manuel Barroso, combatendo a errônea opinião, ou talvez aqui, a ignorância do ministro sobre tam importante assunto.

Não é para aqui a justificação dos nossos direitos, mas sempre queremos dizer ao articulista e a todos que com ele estejam, que a trabalho e responsabilidades iguais devem corresponder direitos e recompensas iguais, ao menos dentro daqueles princípios de fraternidade e igualdade que sua ex.ª diz adogar.

Portanto, abaixo o vexame que representava a escola de 10500 que o articulista atribuía ao funcionalismo da aldeia, quando para de Lisboa, Porto e Coimbra (e por isso talvez para ele) propunha 40500.

Pelo professorado das aldeias: Um grupo de professores—Manuel Garnier, Manuel Reis, Manuel da Silva, Aurora de Almeida, Elvira Maria de Abreu e António Fernandes Reis.

Funcionários Administrativos

Reuniu esta Comissão, tendo tomado, entre outras deliberações de carácter reservado, e de aguardar que, dentro do mais curto prazo, a Comissão Central convoque uma reunião magna dos funcionários administrativos de Lisboa e de delegados da província, afim de que a classe se pronuncie sobre o caminho a seguir ante a greve dos nossos camaradas do Estado. Esta comissão reservou-se o direito de convocar uma reunião só dos funcionários administrativos de Lisboa, no caso de, por circunstâncias imperiosas, a Comissão Central ter de adiar por muito tempo a convocação dos colegas de todo o país.

Processos repugnantes

Recebemos a seguinte carta:

Camarada redactor.—Dos indivíduos ultimamente presos por motivo da greve do funcionalismo público, só eu e mais dois camaradas meus não foram postos em liberdade.

Hoje, sábado, fui chamado à polícia de Segurança e ali, e ali quiseram obrigá-me a declarar que era eu quem atacava a guarda republicana por meio de bombas. Como me não pretendo a tal passadinho, dei os meus particulares para o cabeleleiro n.º 1—António Augusto Esteves.

As prisões

Todos os indivíduos que nos últimos dias foram presos e que ainda não haviam sido restituídos à liberdade, foram-nos ontem, com excepção de José Ramos, Alfredo de Oliveira, José António dos Reis e Amâncio, contratado, por terem cadastro, segundo diz a polícia.

Notas várias

Recebemos a seguinte carta:

Camarada redactor.—Cumpro-nos comunicar-vos que no Asilo de Mendicância, situado no Asilo de Mendicância, ficando unicamente aquele destinado aos serviços indigentes de assistência à população asilada, o da secção feminina e o da secretaria.

Há completa concordância com as reclamações apresentadas pelo funcionalismo na reunião efectuada no Liceu Camões, havendo o máximo empenho em que class vinguem.—M. F. Quartel, J. M. Lopes, A. Henriques de Faria.

—E' destituído de fundamento o que ontem dissemos acerca do chefe da contabilidade do Economato do Hospital de S. José, sr. António Correa Pinto, pois que este está incondicionalmente ao lado dos grevistas, tendo sido por mera curiosidade a sua pergunta sobre a pessoa que no hospital havia distribuído os manifestos sobre a greve.

—A assembleia do pessoal da Imprensa Nacional, em reunião para tratar dos seus magnos interesses, resolveu saudar os seus camaradas telegráfistas e bem assim todo o funcionalismo em luta, fazendo votos pela completa satisfação das suas reclamações.

Em Beja

BEJA, 5.—A classe telegráfista encontra-se firme, retomando só o trabalho quando atendidas forem as suas reclamações. Do restante funcionalismo só abandonaram a repartição os empregados da secção de obras públicas, aguardando as restantes comunicações para se solidarizarem. Algumas aulas da Escola Superior também não funcionaram por não comparecerem os respectivos professores.

Caso curioso! No momento em que foi declarada a greve telegráfista, avariou-se a estação de telegrafia sem fios.

Reina grande entusiasmo entre os grevistas, os quais creem firmemente na vitória.—Especial.

Flores na lama

Estava frio. Um frio seco que o sol tímido, no céu muito azul—um céu primaveril—sem uma única nuvem, tornava quasi agradável, e ao ar cheirava bem, muito lavado, depois de dias consecutivos de vento e chuva.

E eu, que não sou «habitante» da Baixa, senti, contudo, nesse dia, o desejo de ir ver o aspecto da Avenida ensolada, cheirada e a rua do Ouro e o Chiado.

Fui. As ruas estavam como eu imaginara: os eléctricos transbordavam, «almosines» passavam rapidamente, deixando entrever, numa visão de relâmpago, luxuosas toilettes femininas, plumas a ondarem...

E pelos passios, subindo ou descendo, a pé, o Chiado, «fazendo» a rua do Ouro, muitas elegantes envoltas em mantas, em chinelas, em raposas azues, os rostos muito rosados—já passou o tempo em que a palidez do luar foi moda e fez furor—passando sob os pequeninos chapéus de veludo e de peles, encimados por enormes penachos. Aqui, e ali, às portas dos cafés e das tabacarias, discutia-se a eterna política, em cujo altar cada um tem o seu ídolo, travava-se da fundação de algum novo jornal, de música, de teatro...

Em frente duma vitrine, na rua do Ouro, admirando ou fingindo admirar os lindos modelos de Paris, estava uma rapariga alta, bonita, mas extremamente ridícula, ostentando uma toilette espalhafatosa e indelicada que mais do que a dona chamava a atenção dos transeantes. Ao lado dela, uma pequenita de sete ou oito anos, magra, bastante pálida, mas bonita, constrangida na sua rica toilette de veludo azul e no chapéu enorme, de plumas, olhava a multidão com uns olhos tristes, sem um sorriso nos lábios descorados...

Seria filha daquela mulher que, em frente da vitrine se requetava, com poses de tango a triste criança, tão digna de do seu vestido de luto?

E' provável que não. Talvez que uma criança emprestada, alugada, talvez, como objecto de luxo, de reclamação...

E ao ver essa pequenita, veio-me ao espírito a sorte de muitas crianças, filhas de gente desgraçada, e recordei-me duma infância há tempos publicada: eram uns pais que ofereciam os seus filhos—um menino e uma menina—«a quem deles quizesse encarrregar-se».

Quasi a intenção destes pais e de outros que tenham feito ou pensem em fazer negócios destes?

Admitindo que é bom livrar os pequeninos de negras misérias, da morte, talvez...

Mas não irão eles, para as livrar da morte, do sofrimento ou da doença causada por falta de alimento ou de agasalho, preparar-lhes uma vida de torturas, de misérias morais doloríssimas?

A que mãos irão parar essas crianças que o acaso dum anúncio expulsa dos modestos ou pobres lares paternos? Em que meio social serão lançadas?

E fica a gente a pensar não é verdade? Que esses botões de rosa podem cair na lama... e para sempre...

MARIA

A BATALHA

Diário da manhã

Porta-voz da organização operária portuguesa

Publicações

Recebem-se na administração de A Batalha e em casa dos seus agentes das províncias, nas agências Horta, Bastos, Gonçalves, Rádio e demais agências de notícias. Não se publicam comunicados e anúncios com acusações a particulares ou a vida privada de qualquer pessoa.

Correspondência

Receber-se a Alexandre Vieira, redactor principal de A Batalha, Não se restituem os autógrafos.

Assinaturas

(pagamento adiantado)

Em Portugal, colónia portuguesa e Espanha: 5 meses, 1470; 6 meses, 2040; 1 ano, 3650. Lisboa: 1 mês, 600. Territórios da União Postal: 6 meses, 5200; 1 ano, 10240.

Reclamações: Devem ser dirigidas à administração de A Batalha.

Calçada do Combro, 38-A, 2.º LISBOA-PORTUGAL

As feiras em scena

Como consta duma das notas officiais que noutro lugar publicamos, foi ontem agredido pelas forças da guarda republicana o 1.º official da misistério das colónias, sr. Oliveira e Castro. Não podemos deixar de juntar o nosso protesto ao da classe e lamentar que as autoridades tentem resolver com pancada assuntos respeitantes ao estado-mago.

—A primeira vez que o funcionalismo se vê obrigado a reclamar pela greve—única arma de que os desprotegidos se podem servir—o correspondente às suas necessidades. E' possível que, até hoje, essa classe achasse exagerada a nossa indignação contra a guarda no serviço dos patrões de todas as espécies. Agora, porém, deve estar absolutamente convencida de que os indivíduos só são considerados bons, pelos dominantes, enquanto não lhes reclamam o que deve apenas pertencer a quem trabalha.

Até há pouco tempo o funcionalismo era o amigo e era o sustentáculo inconsciente de todas as violências, hipocrisias e das grandes exércias sobre o povo, que paga muito e consome pouco, e sobre o próprio funcionalismo. Mas as ambições, aguçaram-se, o negócio tornou-se fácil e acessível a todos os indivíduos sem escrúpulos e o funcionalismo, que não tem loja, nem vende balcão, antes tem de comprar os generosos com o ordenado cada vez mais reduzido ante os preços, e já sabem, viu, então, que apesar de lhe chamarem amigo o empobreciam, o tratavam tam rudemente, como a qualquer operário acusado de vadio. Então a máscara dos governantes hipocritas caiu e em vez de ajudarem o amigo de ontem, mostraram-lhe as espingardas dos pretorianos, agredindo-o e... cindido, nada de gritar muito alto que eles, funcionários, e não, trabalhadores manuais, temos fome, porque então os bons amigos fuzilaram-nos há as esquinas como nos tem fuzilado a nós...

OS METALURGICOS ENITAM-SE

As reuniões de ontem

No Sindicato Único Metalúrgico

Como estava anunciado realizou-se na sede deste sindicato uma reunião magna de metalúrgicos para apreciar a resposta enviada pela secção metalúrgica da Associação Industrial, à circular demandada do Sindicato Único das Classes Metalúrgicas de Lisboa.

As quatro salas deste sindicato encontravam-se repletas, tendo-se formado duas mesas onde vários oradores fizeram sentir que a resposta dos metalúrgicos não era mais que um truque grosseiro a fim de desvirtuar a oportunidade de acção da classe metalúrgica.

Os discursos eram constantemente interrompidos por vivas à greve geral metalúrgica. Perto das 21 horas foi necessário organizar mais uma mesa onde os oradores falassem aos metalúrgicos que se encontravam na rua, na qual se encontrava então uma verdadeira multidão.

A polícia fez um admirável contraste com a acção da guarda pretoriana que invadiu a Federação da Construção Civil, pois procedeu com bastante delicadeza, embora tivesse ordem para não consentir pessoa alguma parada na rua.

Pelo conselho técnico e de melhoramentos foi apresentada uma moção que, ao mesmo tempo, foi apresentada em todas as secções e a qual foi aprovada por aclamação. A moção concluiu assim:

Terminou esta importante reunião aos vivos à greve geral metalúrgica, à organização operária, à Batalha, etc.

Na secção de Belém

Realizou-se ontem na sede desta secção a reunião magna dos operários metalúrgicos desta área.

Usou de palavra falou o camarada João Rego, delegado do conselho técnico e de melhoramentos, que terminou por apresentar a moção demandada do mesmo conselho, a qual foi aprovada por aclamação, terminando a reunião com vivas à greve geral etc.

Na secção de Palma e Arredores

Reuniram em sessão magna os metalúrgicos desta área apreciando a resposta dos industriais e aproveitando entusiasticamente a moção que foi apresentada pelo camarada Artur Dias, delegado do conselho técnico e de melhoramentos do Sindicato Único Metalúrgico.

Na secção do Poço do Bispo

Reuniram os operários metalúrgicos desta secção, em reunião magna, tendo entre vários oradores, feito uso da palavra o camarada Henrique Figueiredo, delegado do conselho técnico, o qual apresentou a moção de autoria do mesmo conselho, que foi aprovada por aclamação, com vivas à greve geral revolucionária, à Revolução Social, etc.

Até à hora de fecharmos o nosso jornal não recebemos notícia alguma das reuniões magnas dos metalúrgicos de Almada, Cascais e Oeiras, que também se efectuaram ontem e nas quais deve também ser apresentada a resposta da Associação Industrial (secção metalúrgica), bem como a moção do conselho técnico.

As greves

Pessoal extraordinário dos tabacos

A assembleia, reunida ontem pelas 17,5 horas para tomar conhecimento das demarches realizadas pela comissão de melhoramentos, tomou conhecimento de que a mesma comissão não entrevistou o comissário por a repartição estar fechada em consequência da greve dos funcionários públicos.

Resolveu, que a classe se mantenha unida, como até aqui, até completa satisfação das suas reclamações e que os dias da greve sejam pagos.

A classe reúne hoje, pelas 15 horas.

Carpinteiros de branco dos Transportes Marítimos

Continua esta greve sem solução, embora os operários da Parceria tenham ido trabalhar por empreitadas tomadas pela mesma, o que constitui uma traição aos camaradas em greve.

Na fábrica Figueira & C.ª L.ª

Na fábrica Figueira & C.ª Limitada, sita na rua Duarte Galvão, à Cruz da Pedra, declaramos-se ontem em greve os operários e operárias, para obter um aumento de 100 % sobre os actuais salários.

Após várias demarches com o industrial, este ofereceu 25 % que não foram aceites pelo pessoal; em face disso o industrial ofereceu 30 %, que o pessoal aceitou após algumas horas de greve.

A greve acabou em virtude de alguns operários menos conscientes.

Estes operários auferiam a miséria de \$60, \$70 e \$80, obtendo portanto apenas 30 % sobre estas importâncias.

Quando indignados pela traição dos seus camaradas, aqueles operários se dirigiram para casa, dois policiais num acto de bravura... espantaram duas mulheres e prenderam outra por estar protestando contra a carestia da vida.

Reclamações corporativas

Realizou-se ante-ontem, na redacção do jornal Era Nova, a anunciada reunião dos representantes das associações de especialidades, tendo-se feito representar a Federação Portuguesa dos Empregados do Comércio e Cortadores.

Foram todos unânimes, os delegados reunidos, em julgar de absoluta necessidade movimentar a classe a fim de reclamar do patronato melhoria de situação económica.

Ficou nomeada uma comissão, composta de dois delegados de cada um dos organismos representados, para levar a efeito todos os trabalhos de propaganda e acção necessários para a efectivação do movimento.

Esta comissão iniciou as suas reuniões ontem.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Pessoal da Imprensa Nacional.

Aprovou na assembleia de anteontem a seguinte moção:

«Os operários da Imprensa Nacional reunidos em sessão magna para tratar dos aumentos de salários, saudam a sua comissão eleita em assembleia, ratificando a sua confiança e fazem votos para que, conjuntamente as comissões das camaradas arsenistas que hoje lhes dão a honra de os acompanhar, sejam as suas reclamações coroadas do êxito que ambicionam.»

Conferentes Marítimos.—Reúne hoje a assembleia geral desta classe, para apresentação de contas e parecer do conselho fiscal.

União dos Empregados do Comércio.—Hoje, pelas 14 horas, realizou-se, nesta colectividade, uma assembleia geral para apresentação de contas e relatório da gerência do ano de 1914 e apreciação duma proposta da direcção, tendente ao aumento da cota social.

Roga-se a comparencia de todos os sócios.

Operários gráficos.—Reuniu a comissão executiva para ultimar os trabalhos sendo recebidas bastantes listas da cotização semanal lançada às oficinas. Hoje das 12 às 17 horas, encontrar-se-ão na sede federal, membros da sub-comissão de finanças para continuar a receber as cotizações.

CONVOCAÇÕES

União dos Sindicatos Operários.—Reúne hoje a comissão administrativa desta união para tratar de um assunto urgente.

Operários da Limpeza e Sanidade Pública.—Reúne amanhã, pelas 20 horas, a assembleia geral para assuntos de alta importância. Pede-se a comparencia especialmente das camaradas dos cemitérios, assim como todos os operários da limpeza e sanidade pública.

Calceteiros de Lisboa.—E' convocada a assembleia magna a reunir hoje, pelas 14 horas, na sua sede, na rua de S. Paulo, 121, 2.º. Pede-se a comparencia de todos os sócios e não sócios.

Litógrafos do Sul.—Reúne hoje, às 13 horas (extraordinariamente) a direcção, a fim de tratar de diversos assuntos de interesse para a classe. Pede-se a comparencia da comissão revisora de contas.

Condutores de Carroças.—Para eleição de alguns membros dos corpos gerentes e delegados à União dos Sindicatos operários, reúne hoje a assembleia geral às 14 horas.

Pessoal Técnico do Município.—E' convocada a assembleia geral a reunir hoje, pelas 14 horas na sua sede, Travessa do oleiro, 15, 1.º.

Operários Gráficos.—Amanhã reúne a comissão executiva às 26 horas, prefixas, reunindo os litógrafos em assembleia geral, às 21, para apreciarem as reclamações a apresentar ao patronato. Também reúne os pauleiros para elegerem um delegado à comissão executiva.

Operários Carruageiros.—Convindam-se os camaradas serralleiros, ferreiros e bate-chapas, a reunir em assembleia magna hoje, pelas 14 horas, para se tratar de um assunto importante.

Operários alfaiates.—Reúne amanhã, pelas 20 horas prefixas, a assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos:

Leitura das actas anteriores; nomeação do 2.º secretário para a direcção; tratar da situação de A Batalha.

Aparelhadores, Encarregados e Arvorados das Obras Públicas.—Para tratar de aumento de salário e por terem sido mal interpretadas as últimas deliberações da recente assembleia geral, a mesma convocada urgentemente para hoje pelas 11 horas da manhã. Pede-se a comparencia de todos os associados, delegando os que não assistirem à assembleia, naqueles que aprovem ou rejeitem qualquer medida que se relacione com a marcha da Associação.

SINDICATOS

da PROVÍNCIA

Sindicato Único da Construção Civil de Almada

São convocados todos os camaradas que fazem parte da comissão da freguesia de Almada e do Monte de Caparica a reunir hoje, pelas 11 horas, na sede deste sindicato, para tratar de assuntos importantes que se prendem com a mesma. Que ninguém falte.

Em passeio...

A prevenção rigorosa nas forças de terra e mar continuou ontem. Apesar da atitude correcta e ordem do funcionalismo em greve, continuaram as medidas de segurança no Terreiro do Paço, vendendo na Arcada Oeste dois caminhões com metalhadoras.

De tarde todas as unidades montadas da guarda republicana, cavalaria, artilharia e metalhadores andaram em passeio pela cidade.

Os operários do Arsenal de Marinha e A BATALHA

Como há dias noticiamos, um grupo de operários do Arsenal da Marinha, constituídos em comissão, resolveu promover um espectáculo a favor do nosso jornal, atenuar para a difícil situação financeira que está atravessando, devido ao excessivo aumento do preço do papel.

Assim a referida comissão, cheia de boa vontade, deu começo aos seus trabalhos, podendo já contar com o valioso concurso de exímio Grupo Dramático Lisbonense, e com uma orquestra de distintos amadores de música, composta por operários deste Arsenal, sob a regência do nosso camarada Alfredo Carvalho.

Brevemente daremos a público o dia e o local do espectáculo, e qual o seu programa.

Ultimas noticias

Em torno da Rússia Vermelha

O governo francês discorde a paz com os Sovietes

PARIS, 5.—Consta que o governo francês se não encontra disposto a aprovar a sua aprovação a uma proposta dando a qual se convidariam os membros dos limitroses da Rússia a fazerem a paz com o governo dos soviets, exceto a Entente a respeito da política russa.—H.

Os metalúrgicos em greve

Recebemos esta madrugada a comunicação de que fora proclamada por antes a greve da classe metalúrgica, a notícia que depois nos era confirmada com o envio da seguinte

Proclamação

Expirado o prazo concedido aos industriais para responder à circular do Sindicato Único Metalúrgico, referente às reclamações da classe; esgotados os meios suávorios, empregados pelo mesmo Sindicato para melhoria das nossas condições de vida; verificada finalmente que o patronato, cuja atância contraria singularmente a nossa miséria, fecha os olhos às necessidades de fome das nossas companheiras, de nossos filhos e de nós próprios; enfim:

Só um caminho nos resta seguir: afrontar com toda a energia de que somos capazes a fúria desumana dos nossos parasitas proclamando a greve geral da indústria a partir de hoje 7 de Março.

Abaixo a fome!

À luta pelo pão de nossos filhos!

Vivam as reivindicações operárias!

Viva a greve geral metalúrgica!

O Comitê Central

Esta proclamação está sendo afixada pela cidade à hora a que escrevemos.

A greve é iniciada pelos electricistas

A's 3 horas, quando estavam nos concludo a paginação de A BATALHA, desapareceu a luz eléctrica.

A greve dos operários da indústria metalúrgica, a qual se uniram os camaradas da Central Eléctrica, é assim iniciada.

Atraves da linha do

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL



ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE SEDA E FLAMÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

Godinho & Falcão Limitada

Compra e vende pelas melhores cotações:

Libras, Francos, Dolares, Ouro e Notas. Todas as outras moedas nacionais e estrangeiras, Coupons e Papeis de Crédito, mesmo sem cotação na bolsa.

Rua do Ouro, 61
Telef. 1493-C



Não me ralo!

Vou ali à CHAPELARIA LUZITANA, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e de uma solidez capaz de resistir a todos os vãos.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

OURO!!!

Mais barato e não — se paga feito — Só milagre!!!

OURO

Compre na conhecida e acreditada casa Falcão & Fraga. Há sempre grande sortido de cordões, correntes, anéis, alfinetes e mais objectos em 2.ª mão renovados com pouco feito.

4 e 12, R. da Palma, 4 a 12
Junto à Casa das Galoias
TELEFONE 3676

ALFAIATARIA DO MUNDO CHIC

Confecção com a máxima perfeição e economia. FATOS para HOMENS e VESTIDOS para SENHORA.

Acetate fazendas ou fornece lindos padrões. (92)
Preços sem competência
RUA DO MUNDO, 66
(Em frente do Jornal)
LISBOA

CALÇADO

Ninguém compre!!!

Sem primeiro verem os preços da SAPATARIA SOCIAL OPERÁRIA Botas para homem a 8\$50—Sapatos bonitos a 7\$20—Botas para rapaz a 2\$70 Sapatos verniz, salto Luis XV, a 1\$250 temos em existência 100 mil pares de calçado que vendemos por preços extraordinariamente baratíssimos.

E a casa que mais barato vende

18—Rua dos Cavaleiros—20

PREÇOS DE COMBATE

Sapataria João Salgado Oliveira

Brevemente, grande saldo por preços muito baratos

60—Rua Eugénio dos Santos—64

Aproveitem um grande saldo de botas de vitela à americana 2 mil pares a 1\$550

A única casa que actualmente vende mais barato Remete para a provincia contra reembolso

Enfardadeiras, arame de enfiar, foices e gaduhas, locomoveis, motores, tijolo e barro refractario, serra fita e circular, cunhas, marretas, malhos e britadeiras, arames, chumbo em tubo, barra em chapa. Zinco em chapa, Barra e laminas para caldeiras. Estanho e metal antirflicção.

Aos melhores preços

Parafusos com porca, cantaria e outras ferragens e ferramentas. Máquinas de serrar, sem fim e circulares. Pias, piasrotas, encanamentos, carros de mão e para sacaria, agos.

Antonio Furtado dos Santos, Rios & C.ª
148, Rua da Boa-Vista, 150—Tel. 1780-C.

Não se assustem
Vejam os nossos preços
HA AINDA BARATO



Botas para homem a 1\$750, 1\$750.
Botas para homem, 2 solas, a 1\$750.
Botas para homem, 2 solas e revestidas, a 1\$750.
Botas para homem, com sola de borracha, a 1\$750.
Botas para homem, cor, a 1\$750 e 1\$850.
Sapatos de pelica para senhora, a 1\$800, 1\$800 e 1\$850.
Sapatos de pelica verniz para senhora, a 1\$800 e 1\$850.

Porneadores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portuguezes do Sul e Sueste e da Cooperativa dos empregados do «Diário de Notícias»
SAPATARIA S. ROQUE
16—Largo de S. Roque—17

NICOLAU GOMES
CORREA

Alfaiate-Mercador



Fornece a 4.ª dos Empregados dos Caminhos de Ferro Portuguezes, do Sul e Sueste, da Caixa dos Operários da Câmara Municipal de Lisboa e da Cooperativa da Fábica de Material de Guerra.
Variado sortimento de lençóis para homens e senhores, pedrões da moda, preços limitados.
ALFAIATARIA Especialidade em fatos, sobretudo, capis e alentejanos e casacos de senhora já confeccionados, tudo pelos figurinos da moda.
255-Rua dos Fanqueiros-255

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Valério, Lopes & C.ª L.ª

Telefones (central) 2778 e 3478
gramas Ferrame

Ferramental completo para todos os officios
Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro, latão, zinco, chumbo e arames diversos.
Carros, vagonetas e todos os pertences de material «Decauville».

22, largo de S. Julião, 23
70 Rua Nova do Almada, 1, 3 e 7
LISBOA

Capital garantido

É aquele que se emprega

Em acções da

COMPANHIA GERAL

DE CAMIONAGENS

Cujos materiais representa

SOLIDAMENTE

Está aberta a subscrição

para as acções liberadas de

DEZ ESCUDOS

Na sede provisória:

Calçada do Ferregial, 15

LISBOA

Nota—Os Srs. Acionistas terão a preferéncia na utilização dos CAMIONS que começem hoje a trabalhar.

Perfumarias

Nacionais e estrangeiras, fornecem-se aos melhores preços do mercado. Máquinas de barbear e artigos de utilidade.

Encontra-se patente mostruário e fornecem-se esclarecimentos no escritório de

José Miguel Martinho

P. dos Restauradores, 13, 1.º

Lisboa

SUCATAS

Compra-se chumbo, metal, cobre, zinco, tipo, ferro fundido e forjado, e estanho

R. NOVA DO CARVALHO, 18

Ao Corpo Santo

LISBOA

NOTAS & COMENTÁRIOS

por PERFEITO DE CARVALHO

Recebem-se pedidos na administração da Batalha.

Fósforos

Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que podem dirigir directamente os seus pedidos:

No norte do País, aos Revendedores Gerais:

Rives Macedo & Borges, S.ª

67, Rua do Bomjardim, 69—PORTO

No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revendedores Gerais:

Nogueira Marques & C.ª

Rua da Alameda, 92—LISBOA

sendo os preços por caixa de 3.600 caixinhas (25 grozas):

Fósforos de enxofre 36\$00 ou \$01 por caixinha; ditos Amorfos, 72\$00 ou \$02; ditos de Cera Comum, 72\$00 ou \$02; ditos de Cera de Luxo, 1.º (quarto de caixa), 36\$00 ou \$04; ditos de Cera de Luxo, 2.º (quarto de caixa), 27\$00 ou \$03 por caixinha, com o desconto legal de 10.00, seja qual for o número de grozas pedidas.

Quaisquer queixas acerca da demora da execução dos pedidos ou falta de concessão do desconto, devem ser dirigidas à Companhia Portuguesa de Fósforos, rua de S. Julião, 139—LISBOA.

Fundição Tipográfica

"A Funtipo,"

P. Gini—Director Técnico

Instalações rápidas para jornais e tipografias de luxo

Escritório e Depósito

R. Nova da Piedade, 60, 2.º-Di.

22 Telefone C.—4329

Vende-se

Uma carroça de mão. Rua de St. Ana à Lapa, 131-A.

A. J. CONTENTE

33-Rua do Comércio-33

CAMBIOS, PAPEIS DE RÉDITO, coupons e moedas nacionais e estrangeiras, etc.

O BRIC-À-BRAC

ALCANTARA

José Nicolau Veríssimo

RUA DE ALCANTARA, 37
SUCCURSAL—RUA DO LIVRAMENTO, 111 e 113

Compra, vende e troca móveis novos e usados e toda a qualidade de artigos de mobiliário completos de quarto, casa de jantar, escritório e sala. 5.00 de desconto nos assinantes da Batalha.

SIFILIS

Grande descoberta de plantas para a cura da sífilis e de todas as doenças que derivam da impureza do sangue. Contêm a essência do tratamento curativo. Tratamento de todas as doenças da pele, erupções, foliculite, acne, etc. 600 réis. Traveza da Oliveira, 11 rez-do-chão, direito, à Batalha.

Estatutos da Sociedade Cooperativa dos Catraieiros do Porto de Lisboa.

exarados em escritura pública de 2 de março corrente nas notas do notário abaixo assinado.

CAPITULO I

Natureza e fins da sociedade

Artigo 1.º—É fundada em Lisboa, onde terá a sua sede e reger-se-á pelos presentes estatutos e pelas disposições de direito applicáveis, uma sociedade cooperativa, sob a forma de responsabilidade limitada, denominada Sociedade Cooperativa dos Catraieiros do Porto de Lisboa.

Artigo 2.º—A sociedade tem por objecto a exploração da condução das embarcações, de ou para vapores nacionais e estrangeiros, no Rio Tejo, e qualquer serviço fluvial de cargas ou passageiros.

Artigo 3.º—Quando a cooperativa tiver meios para compra de barcos a gasolina ou rebocadores, procurará adquirir, conforme as circunstâncias de momento lhe permitir.

Artigo 4.º—A sua duração será por tempo indeterminado tendo o seu inicio em 1 de abril próximo futuro.

CAPITULO II

Capital social, fundos e lucros

Artigo 5.º—O capital social é variável e illimitado e a sua constituição, representada em acções nominativas de 1000 réis, poderá ser transmitida com autorização da Direcção.

Artigo 6.º—O capital mínimo já se encontra realizado em 127 acções subscritas nos termos da relação que me foi apresentada e que arquivou para ser transcritas nas cópias do presente estatuto.

Artigo 7.º—A cooperativa terá os seguintes fundos: a) capital social, b) fundo de reserva legal, c) fundo de reserva especial.

Artigo 8.º—O fundo de reserva especial será constituído por 40% dos lucros líquidos e será destinado a liquidação de novo material e a substituição de embarcações, de quaisquer contractos de sociedade com outras empresas.

Artigo 9.º—O fundo de reserva especial será constituído por 40% dos lucros líquidos e será destinado a liquidação de novo material e a substituição de embarcações, de quaisquer contractos de sociedade com outras empresas.

CAPITULO III

Dos sócios

Artigo 10.º—Podem fazer parte desta cooperativa todos os sócios da Associação de Classe dos Catraieiros do Porto de Lisboa que estejam a sua inscrição a data da constituição desta sociedade, e outros catraieiros que sejam admitidos pela assembleia geral por proposta da direcção.

Artigo 11.º—Serão considerados sócios fundadores os membros da Associação de Classe dos Catraieiros do Porto de Lisboa que inscreverem a sua inscrição até a primeira assembleia geral.

Artigo 12.º—O sócio tem direito a: 1.º Fazer parte da assembleia geral; 2.º Ser eleito para o cargo de gerente, excepto os que tenham negócios com a cooperativa ou que sejam seus devedores, os menores e analphabetos; 3.º Examinar a escrituração da cooperativa; 4.º Solicitar a convocação da assembleia geral em requerimento dirigido ao presidente assinado, pelo menos, por 20 sócios; 5.º Exonerar-se da cooperativa, fazendo a sua declaração por escrito assinada por ele ou a seu rigo devidamente reconhecida; 6.º Receber a parte dos lucros que lhe competir, segundo os estatutos; 7.º Receber a sua quota de accções, no caso de doença ou impossibilidade de trabalhar devidamente comprovada por atestado médico e pela fiscalização da cooperativa; 8.º Usar de todos os direitos e regalias conferidos pela lei ou pelos estatutos.

Artigo 13.º—O caso do n.º 7 deste art. quando a Direcção não estiver em conformidade com o atestado médico apresentado, poderá escolher outro facultativo para examinar o sócio.

Artigo 14.º—Poderá ser desligada uma parte dos lucros para pensões ou socorros a mães, viúvas ou companheiras dos sócios falecidos que forem o seu único amparo e enquanto as viúvas ou companheiras permanecerem no casamento, conforme as resoluções da assembleia geral ou do regulamento especial que seja aprovado.

Artigo 15.º—A assembleia da cooperativa cria uma caixa de socorros nos termos da legislação vigente.

Artigo 16.º—São deveres dos sócios: 1.º Exercer com zelo os seus direitos e cumprir os seus deveres; 2.º Satisfazer pontualmente os seus débitos à cooperativa; 3.º Sujeitar-se aos prejuízos da cooperativa proporcionalmente ao número de accções que possuirem; 4.º Exercer os cargos para que sejam eleitos ou nomeados, excepto se alegarem escusa justificada; 5.º Não adquirir nem vender embarcações por conta própria, sem consentimento da direcção da cooperativa; 6.º Não ser tripulante de embarcações que não pertençam a esta sociedade sem prévia autorização da Direcção da Cooperativa; 7.º E todos os demais consignados na lei ou nos estatutos.

Artigo 17.º—Serão excluídos de sócios: 1.º Os que tentarem por qualquer modo actuar contra o bom andamento, dignidade ou continuidade da cooperativa; 2.º Os que adquirirem ou venderem por conta própria embarcações sem autorização da direcção da cooperativa; 3.º Os que tripularem quaisquer barcos que não pertençam a esta sociedade sem a autorização indicada no n.º 6 do art. 16.º; 3.º Os que não pagarem as suas dividas à cooperativa.

Artigo 18.º—A exclusão é da competência da assembleia geral, sob proposta fundamentada da direcção e visto do conselho fiscal.

CAPITULO IV

Da Assembleia Geral

Artigo 19.º—O poder supremo da sociedade reside na sua assembleia geral, regularmente constituída, a qual se compõe de todos os seus sócios.

Artigo 20.º—A assembleia geral reúne-se ordinariamente no primeiro trimestre de cada ano social para discussão, aprovação ou modificação do relatório e conta da direcção e preceito do conselho fiscal, para eleição dos corpos gerentes para tratar de qualquer outro assunto indicado na convocatória.

Grande variedade de fatos, sobretudo, e coletes de fantasia já feitos

Confeccões para senhora

M. ANTOS L.ª

Alfaiates mercadores

Sempre as últimas novidades. Colossal sortido de fazendas nacionais e estrangeiras.

42, Rua Fernandes da Fonseca, 48

157, Rua da Palma, 159—LISBOA

estatutos não se computando para o fundo de reserva.

Artigo 21.º—A cooperativa não será obrigada a fazer de pronto toda a parte liquidada dos associados, podendo pagar a cada um razão de 10% mensalmente e pela o por que saírem os sócios.

Lisboa, 3 de Março de 1920.

O Notário: M. Faco Viana

Loja, Barracão

parte, precisa-se para

quena industria. Carta a

jornal.

Purgações

Fórmula estrangeira infalível. O

se não curar em 6 dias pode reclamar

seu dinheiro. Rua dos Condes, 22

da Praça da Figueira, 39.

IANOTAS????

Sejam económicos

Como vestir bem e barato?

Só na ALFAIATARIA JANOTA.

Onde se viram fatos e sobrecoats

como novos, baratos e no rigor da

Especialidade em obra de cinco, e

sortido de fazendas a preços sumários.

Aceitam-se fatos a feito.

Rua do Sol ao Rato, 215, loja

andar, esquina B. João dos Ben-

dos.—(Eletrodo à porta, carro de

trêlia)—Postal a S. Madeira.

Acidentes de trabalho

Seguro obrigatório

O Diário do Governo de 24

Novembro de 1919 publica o

dêlo da caderneta profissional,

todos os patrões são obrigados

fornecer a todo o seu pessoal

em conformidade com a nova

de 10 de Maio de 1919.

A MUNDIAL a fim de facilitar

aos seus segurados o cumprimento

da nova lei, fornece gratuitamente

as referidas cadernetas.

Cada exemplar da nova

mo dos exemplares da nova

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGURO

CAPITAL, 500.000\$00

RESERVAS: 405.402\$76,7

Sede em Lisboa—Rua Garrett,

Telefone 4084

Delegação no Porto—Rua S.

Bandeira, 331, 1.º

Isqueiros

Pedras para isqueiros vendem

Largo do Conde Barão, 55, (casa

queiro à porta).

AZEITE

Oleo acidometro Fernans apu

lho pratico para saber com exat

idão a acidez dos azeites, corre

dente exactamente as analyses d

ciais. Aparelho completo 4\$50; r

eio mais \$60 cent.

Cruz Sobrinho & C.ª

R. da Madalena, 40—LISBOA

GRANDES ARMAZENS AFRICANOS

ALFAIATARIA E CAMISARIA

FARO & LOPES L.ª

Bonifícios, Fato terno, Camisaria, Gravata, etc.

Pegam amostras. Fatos sem prova. Vende-se

a metro e sem reserva de preço

todas as fazendas tanto para homem

como para senhora.

VISITEM ESTA CASA

A casa que mais barato vende

Fato recame artigo chic 35\$00

110, R. dos Fanqueiros, 112 e 114 s-l.

Não te esqueças, camarada, de ceder a quantia correspondente a um dia do teu trabalho para a CASA DOS TRABALHADORES